

Cidade e Literatura

Quando li pela primeira vez “Os Miseráveis” de Victor Hugo consultei um Guia da cidade de Paris para melhor acompanhar a densa trama do romance. Na caça a Jean Valjean por Javert, o policial implacável, aprendi muito sobre a história dos mosteiros, as barricadas de 1832 e 1848 em Paris e sobre a construção do sistema de esgotos daquela cidade. Ao visitar Paris repetidas vezes, tomei os Miseráveis como ponto de partida para as mais interessantes e surrealistas excursões, buscando refazer as trilhas dos personagens do romance de Hugo.

O que surpreende na “cidade Luz”, é que ela conservou em seu traçado urbano básico, em seus prédios históricos, seus parques e praças públicas os vestígios da antiga Lutécia, da cidade medieval, condensada no Museu de Cluny, e eternizada em outro romance de Hugo, “Notre Dame de Paris”. Apesar das várias intervenções urbanas de Haussmann a Chirac, a cidade preservou os traços fundamentais de diferentes momentos históricos. O que mais encanta em Paris é reencontrar nas ruas, nas praças, em parques, bosques e bairros, as grandes referências literárias de Balzac a Proust, de Flaubert a Zola, de Hugo a Walter Benjamin. No cemitério de Père Lachaise rememoro o destino do Père Goriot e a célebre frase de Rastignac, desafiando a cidade de Paris : “Et maintenant, à nous deux”! Pelo menos a partir de então, Paris transformou-se, ela própria, em personagem, servindo de moldura para o que veio a chamar-se “o romance urbano”.

Passeando pelo Parque de Luxemburgo, lembro-me da cena dos Miseráveis, em que Cosette, acompanhada do pai adotivo, vê pela primeira vez Marius, seu futuro marido. Visitando o parque Monceau revitalizam-se em minha memória passagens de “Nana” e de “La Curée”, em que duas figuras femininas, criadas por Zola, habitavam mansões preservadas até hoje e que guardam o acesso privado ao Parque charmoso, próximo ao Arc de Triomphe. Até mesmo as graciosas porteiças de ferro batido, por onde entravam as protagonistas e seus amantes, sobreviveram até hoje.

Num passeio pelos Champs Elysées, tenho a sensação agradável de encontrar, “de verdade”, as árvores e o pequeno teatro infantil, em que o “petit Marcel” brincava com Gilberte, eternizados na “Recherche du temps perdu” de Proust. Sem essa referência material que a cidade oferece para a memória ou para o imaginário, o tempo da infância de cada um de nós efetivamente estaria perdido. A surpresa de Paris face às demais cidades é que Paris parece ser um livro aberto, verdadeiro arquivo da nossa memória, não somente da literatura clássica mas também da história, da filosofia, da ciência. No chão da rua, que leva à fonte dos Inocentes, perto dos Halles, encontra-se uma placa, indicando o lugar em que foi assassinado Henri IV, o rei que exclamou: “Paris vale bem uma Missa!” Perto do Teatro Odéon, numa pequena rua quase paralela ao “Boul Mich”, no coração do Quartier Latin, encontra-se ainda em pé a casa em que viveu Pascal quase até sua morte. Alguns números mais abaixo, na mesma rua Monsieur le Prince, Auguste Comte morou numa das casas do século XVII, conforme informa placa comemorativa.

De minha parte, fico maravilhada com a interação no passado e no presente de “Cidade e Literatura”. Passear por uma cidade sem as fantasias literárias de nossas leituras de infância e de adultos tira boa parte do fascínio que cidades famosas como Londres, Berlim, Madrid, Lisboa, Paris e tantas outras exercem sobre nós. Por vezes, perco a paciência com turistas que de Paris só querem saber da Galerie Lafayette, da Tour Eiffel e dos Grands Boulevards, para fazer compras. Olhando, no entanto, a belíssima cúpula da primeira Galerie Lafayette (hoje existem várias, espalhadas por Paris e pela

Europa, a mais recente foi inaugurada em Berlim), recordo-me da magnífica descrição que Zola dá a essa Galeria em seu magistral “Le bonheur des dames”. Neste romance, descreve a emergência dos “Grands Magazins” em Paris, que serviram de modelo para os “shoppings” brasileiros. Para muito turista brasileiro, mas especialmente para os paulistas, a Galeria Lafayette “não compete” com o “shopping” do Morumbi ou do Ibirapuera, muito “maiores, mais modernos e com mercadorias iguais a preços mais em conta.” No íntimo, pergunto-me, por que então vieram a Paris e não ficaram fazendo “shopping” em sua cidade de origem? E continuo me indagando, qual o poeta ou escritor que tomaria o “shopping do Morumbi” como moldura e tema para um romance entre uma pequena vendedora do interior e um comerciante arrivista, ávido em adaptar-se aos tempos modernos?

Apesar do protesto aberto ou disfarçado dos meus colegas da teoria e crítica literária, o casamento de “Cidade e Literatura” tem tudo a ver com o nosso encanto pelas cidades famosas e pela literatura. Lendo os romances de Eça de Queiroz e Saramago, conheceremos melhor Lisboa do que seguindo as “dicas” turísticas do moderno turismo de massas. Em Londres, artistas renomados se dispõem, hoje, a mostrar o “Globe Theater”, recentemente reconstruído, onde Shakespeare encenava suas peças populares. Em outro “tour”, está subentendido que “a pé”, pode-se conhecer a casa onde Charles Dickens escreveu romances, como “Oliver Twist” e “David Copperfield”. Neles o autor pinta um quadro da Londres do século XIX, que confirma a descrição da miséria urbana, provocada pela industrialização e minuciosamente documentada para Londres e Manchester por Marx & Engels em “O Capital”.

Através das andanças de Franz Bieberkopf, o ex-prisioneiro de Tegel, ameaçado de nova prisão, Döblin caracteriza, em “Berlin: Alexanderplatz”, os tempos de cão na Alemanha, às vésperas da eclosão do nazismo. Em Madrid, “El diablo cojuelo”, de nome Almadén, salva o estudante em apuros, que seduzira uma madrilenha, em vôos noturnos destapando os telhados e espionando a vida dos moradores pacatos em suas casas e camas. Guevara, o autor do primeiro “romance urbano”, não somente inspirou o “Diable Boiteu” de Lesage como o “Fausto” de Goethe, mas inspirou um gênero literário novo.

Não se trata simplesmente de narrativas que tomam por moldura o espaço urbano, uma metrópole ou capital. Trata-se de um gênero romanesco em que a cidade passa a ser, ela própria, personagem, texto e pretexto para inúmeras “flâneries”. As fronteiras entre este gênero literário e reportagens sobre cidades são tênues. É o caso de João do Rio, com sua “Alma encantadora das ruas”, ou de Walter Benjamin com “As passagens de Paris”. Tais relatos por vezes se confundem com “a cidade na reportagem” tematizada nos escritos de Wirth e Robert Park, que tomam por base a cidade de Chicago. E como classificar “As cidades invisíveis” de Ítalo Calvino? São elas ficção literária, reportagens retrospectivas ou o sonho de cidades inatingíveis que brotam do nosso imaginário?

Deixo a resposta para os meus colegas da área de Letras, como Ronaldo Costa e Rogério Lima, que reuniram textos interessantes de vários autores em sua recente coletânea: “O imaginário da cidade”. Estes textos e muitos outros reforçam a minha convicção de que a cidade e a literatura estão unidas por um casamento indestrutível.

Brasília, 8 de maio de 2001

Barbara Freitag